

Análise Estrutural da Plataforma Carbonática Albiana da Bacia de Benguela na Região do Rio Catumbela – Angola

Michael Strugale¹; Gabriel Macedo de Almeida e Castro¹²

¹ Petrobras, ² UERJ.

RESUMO: A Bacia de Benguela se localiza na costa sul de Angola e seu eixo é oblíquo à direção de abertura do rifte, o que a caracteriza como uma bacia de rifte transformante. Sucessivos soerguimentos levaram à configuração atual da Bacia de Benguela, onde ocorrem exposições desde o embasamento até a seção albiana. Esta última é a parte proximal de uma plataforma carbonática, dividida em dois domínios estruturais. Ao norte, onde este trabalho se concentra, esta plataforma está íntegra e acoplada ao embasamento, sobre uma fina camada evaporítica aptiana. No sul, a plataforma é fragmentada em jangadas, com estruturas análogas às mapeadas nas bacias de Campos e Kwanza. As estruturas da fase rifte são falhas normais de direção NNE a NE e mergulho para W, paralelas às estruturas do embasamento, associadas a falhas normais escalonadas N-S. Este padrão estrutural sugere uma componente sinistral, associado à abertura oblíqua da Bacia de Benguela. Nessa fase, se desenvolvem também falhas de transferência de direção EW, onde se encaixa o Rio Catumbela. Após o rifte, formaram-se três conjuntos de estruturas na seção albiana, resultantes de reativações do embasamento e da halocinese: (1) Falhas lítricas sintéticas possivelmente sin-deposicionais (N-S a NNE-SSW), (2) falhas normais conjugadas sintéticas (NE-SW) e antitéticas (NW-SE), associadas a fraturas EW, e (3) falhas direcionais (N-S a NNE-SSW). O primeiro grupo segue a direção rifte e tem mergulho para W. Estas falhas têm espaçamento quilométrico e, na Zona de Falha de Catumbela (ZFC), estimou-se 100m de rejeito vertical, onde os carbonatos de baixa energia da unidade superior estão em contato com os grainstones da unidade inferior. Na ZFC é marcante a mudança no mergulho das camadas. No bloco alto, observam-se clinoformas com mergulhos suaves para oeste. No bloco baixo, forma-se um *roll-over*, com os estratos mergulhando até 30° para leste. Próximo à borda da bacia, as falhas desse grupo parecem canalizar os conglomerados que se interdigitam com os carbonatos plataformais, indicando um caráter sin-deposicional. As falhas sintéticas do grupo 2 mergulham para NW, tem espaçamento de 50 a 100m e rejeitos decamétricos. Estas estruturas resultam da propagação da deformação associada às grandes falhas lítricas. As falhas antitéticas desse conjunto mergulham para NE e tem rejeitos menores, embora sejam mais freqüentes. Tal deformação seria associada a reativações transcorrentes dextrais ao longo das grandes falhas do embasamento (NNE). Frequentemente as falhas conjugadas terminam em zonas de fraturas verticais E-W, que são mais repetitivas na calha do Rio Catumbela, indicando que as reativações do embasamento afetam também as estruturas transversais. O terceiro grupo é resultado da progressão da deformação induzida pela reativação dextral no embasamento. O conjunto das estruturas demonstra que houve uma mudança no componente direcional das principais falhas, que passa de sinistral na fase rifte para dextral na fase drift. A tectônica pós-sal tem contribuição da halocinese e parece influenciar na distribuição das fácies silissiclásticas. É necessário, entretanto, aprofundar o estudo tanto da importância da halocinese nesta deformação como da influência dessa deformação na distribuição das fácies.

PALAVRAS CHAVE: PLATAFORMA, ALBIANO, REATIVAÇÃO